

Maria Manuel Borges
Elias Sanz Casado
Coordenação



Ciência
da Informação Criadora
de Conhecimento

Vol. II

A MEDICINA TROPICAL NA BAHIA DE 1500 A 1886: ETAPAS ANTERIORES AO PERÍODO CIENTÍFICO¹

Jorge Antônio Costa de Santana

Universidade Federal da Bahia (Brasil)

Celeste Maria de Oliveira Santana

Universidade Federal da Bahia (Brasil)

Resumo

O trabalho aborda aspectos da História da Medicina na Bahia no âmbito da Medicina Tropical com as etapas empírica ou indígena, africana e jesuítica pelas quais passou a medicina antes de chegar ao período científico com a criação do ensino médico. Aborda também, o processo de investigação documental sobre a Medicina Tropical na Bahia no período de 1500 a 1886, de algumas enfermidades que vitimaram uma grande parte da população de Salvador em certas fases e, que posteriormente, se tornaram assuntos de teses científicas de alunos e mestres da primeira escola de ensino médico do país, a Faculdade de Medicina da Bahia (FMB).

Introdução

A proposta de resgate da memória histórica da Faculdade de Medicina da Bahia (FMB) no âmbito da Medicina Tropical promove ponderações que extrapolam a própria área da Medicina. Essa reflexão ocorre no bojo das pesquisas e estudos das teses produzidas sobre a Medicina Tropical que fazem parte do acervo da primeira Instituição de Ensino Médico do país. Pesquisa esta, apoiada pelo Programa Permanecer, o qual faz parte das ações da Coordenadoria de Ações Afirmativas, Educação e Diversidade da Pró-Reitoria de Assistência Estudantil da Universidade Federal da Bahia (UFBA), e sob a orientação da Professora Celeste Santana do Instituto de Ciência da Informação (ICI/UFBA) e vinculada ao Grupo de Estudo e Pesquisa do Acervo Arquivístico da Faculdade de Medicina da Bahia – GEPAS/ICI//FMB coordenado pela Professora Zeny Duarte.

O conteúdo dos documentos – das Teses Médicas – sobre as diversas doenças que acometiam a população, suas origens, manifestação, sintomas e tratamentos, etc., bem como, a descrição dos indivíduos mais propensos em manifestar essa ou aquela enfermidade, trazem informações a despeito de como a sociedade baiana se organizava, os hábitos alimentares, a higiene, formas de trabalho, a infra-estrutura urbana, etc. Enfim, relata a característica de como essa população se comportava quanto à ocupação do espaço físico e social nesse período.

¹ Artigo apresentado no MEDINFOR 2008 - Colóquio Internacional A Medicina na Era da Informação (GEPAS/ICI/UFBA).

Entretanto, antes da medicina alcançar o rigor científico, mostra o papel dos chamados leigos e sua medicina que, já haviam deixado em nossa cultura o legado de seus conhecimentos empíricos.

A Medicina Indígena

Segundo Santos Filhos (1966, p. 16) “[...] empírica e mágica, assim se pode encarar a medicina indígena.” Empírica no sentido em que o “pajé” dominava o conhecimento das ervas e plantas indicadas para o tratamento de certos males que acometiam o ser humano. Esse conhecimento estava calcado na experiência prática do preparo e manipulação do “remédio” difundido através de geração a geração.

A doença possui uma origem natural, reconhecível ou visível e provocada pela entrada de um objeto estranho ao corpo humano. É mágica, quando considera – o indígena – que a doença tem origem de uma interferência oculta, sobrenatural, provocadora da febre e da dor, bem como de outros sintomas a exemplo do vômito, diarreia, etc. Em tais circunstâncias, a cura será obtida mediante processos tanto naturais quanto por vias mágicas, sobrenaturais para afastar a ação maléfica dos entes considerados superiores e valendo-se dos compostos vegetais – vários espécimes da flora brasileira – além de outras substâncias orgânicas e inorgânicas para aplacar os sinais físicos evidentes.

Os “pajés” sofreram imenso abalo quando por imposição da catequese, os jesuítas moveram uma forte campanha de descrédito quanto aos seus poderes sobrenaturais, desmoralizando-os e, substituindo-os enquanto curador, uma vez que já haviam incorporado o poder e o valor medicinal de muitas plantas naturais do Brasil.

A Medicina Jesuítica

Os relatos são afirmativos quanto à capacidade que tinham os jesuítas em prestar socorro médico de urgência. Segundo consta, eles foram treinados ainda na Europa, durante o noviciado. A assistência médica fora arma de grande eficiência na catequese dos nativos brasileiros aproximando ainda mais o contato dos índios com os jesuítas.

Quando da chegada à Bahia dos filhos de Santo Inácio em 1549, durante o governo de Tomé de Sousa, e até 1759, quando foram expulsos pelo Marquês de Pombal, os jesuítas medicaram, sangraram – tratamento este, empregado em acometidos por varíola e sarampo – e até partejaram, dada era a prática que já possuíam quando por aqui aportaram.

Um aspecto curioso com relação aos jesuítas, é que eles souberam aliar com maestria e sagacidade os preceitos médicos aprendidos na Europa, com a experiência que aqui obtiveram através dos curadores indígenas. Foram os jesuítas, os responsáveis por experimentar e difundir as propriedades medicinais de diversos vegetais brasileiros.

Cumpriram um importante papel na assistência hospitalar e no comércio de drogas pelas enfermarias e boticas instaladas nos estabelecimentos da Companhia de Jesus, a eles deve-se o conhecimento da patologia e da terapêutica indígena. Dentre quase todos os padres e irmãos jesuítas que se dedicaram a prestar assistência médica, estão Manoel da Nóbrega e José de Anchieta. Após a chegada dos profissionais de medicina e,

com a instalação das Misericórdias, os jesuítas passaram a atuar então, nas enfermarias como – o irmão enfermeiro – e nas boticas – como o irmão boticário.

A Medicina Africana

Trazidos para o Novo Continente de maneira compulsória, o africano trouxe consigo seu legado também na arte da cura que, aos poucos – e através de vários mecanismos – foi se adaptando e incorporando elementos terapêuticos das práticas que já existiam principalmente, as adquiridas de sua aproximação com os índios.

Mais marcadamente religiosa que a do nativo indígena brasileiro, a medicina africana estava envolta num manto sacral e terapêutico. O corpo não era dissociado do espírito. Portanto, o tratamento e a cura do mal que afligia e causava sofrimento ao homem era imbuído de uma grande mística ritualística que envolvia o emprego de determinadas plantas, ervas e folhas escolhidas não aleatoriamente, mas segundo suas propriedades terapêuticas, e o valor simbólico que cada um desses elementos naturais possuía, ou lhe era atribuído no universo mágico-religioso.

[...] Embora empregue a natureza como recurso básico de intervenção de cura, é inegavelmente mais espiritualista em sua abordagem dos fenômenos de adoecimento individual e grupal, e seu agente de cura mais importante é normalmente um sacerdote (ou sacerdotisa), através da figura do *pai de santo* ou *mãe de santo*, que opera terapêuticamente intermediando entidades espirituais, divindades de diversas hierarquias, geralmente em rituais em que possessão e exorcismo podem ter papel importante na cura. (LUZ, 2005, p. 156).

A influência da tradição africana em usar plantas para rituais religiosos e na cura de doenças se difundiu de tal maneira no território brasileiro, que até os dias atuais – e em todas as camadas sociais – muitas dessas ervas e plantas são conhecidas pela população. Uma experiência e um saber propagados principalmente pela medicina popular transmitida pelos antepassados que deixaram sua marca na formação cultural do Brasil, um '[...] acentuado hábito cultural, com grande rede de influência social.' (CAMARGO, 1998).

Os Tropicalistas Científicos

Cientistas já consagrados no período em que já se consolidara o caráter científico do ensino médico como Wucherer, Paterson e Silva Lima - todos de formação em ciência médica adquirida no Velho Continente - aqui se radicaram para dedicarem grande parte de suas vidas e estudos médicos ao que mais tarde seria definido por Coni (1952), como a Escola Tropicalista Baiana.

A produção científica desses estudiosos, seus artigos, experiências e teses, foram referência e citação obrigatórias não apenas para os estudantes que pleiteavam obter a graduação de doutor em medicina, como para tantos outros profissionais já consagrados e atuantes na área.

Vale ressaltar, que os estudantes e/ou pesquisadores da ciência médica de então, eram também cidadãos pertencentes – em sua grande maioria – às classes mais privilegiadas da sociedade, o que os tornavam indivíduos mais preparados intelectualmente, e significativamente melhor informados das transformações políticas, econômicas e sociais que ocorriam em outros países, mais particularmente a Europa e América do Norte.

Portanto, não seria mera especulação considerar que muitos desses indivíduos não só eram produto de antigas estruturas sociais e políticas, como também agentes – em certa medida, é claro – de severas críticas e sugestões de transformação do modelo dessas mesmas estruturas de poder e de organização social da sua época. Principalmente em questões que dizem respeito às decisões das Instituições do Poder Público no que tange a infra-estrutura, higiene, saúde, qualidade da alimentação e educação disponibilizadas para a população, bem como a manutenção do regime escravagista que além de ser execrável do ponto de vista humano, representava uma distorção sem precedentes quanto ao aspecto de saúde pública.

Investigando a Medicina Tropical

Selecionou-se para a investigação, a SÉRIE III – SÉRIE CIENTÍFICA onde estão incluídos documentos como: Teses, Livros (Obras Raras), Memórias Históricas, Publicações registradas em Livros de Eventos e Registros Científicos – Produções Científicas constantes no acervo do arquivo histórico da Faculdade de Medicina da Bahia (FMB). A pesquisa está sendo realizada em Teses e nos Livros (Obras Raras) onde se faz a leitura dos textos relacionados à Medicina Tropical com a finalidade de realização do Catálogo Analítico Informatizado sobre o assunto.

As teses localizadas são imediatamente resumidas e elaboradas as referências segundo as normas da ABNT. Tais obras referem-se às enfermidades que muitas vezes incidiram de forma epidêmica na Bahia e em outros estados do Brasil, como por exemplo: Febre amarela, Beribéri, Lepra, Cólera, Febre tifóide, Hipoemia intertropical, Desintéria, Hemato-chyluria, Tuberculose, etc. Buscam-se ainda, os registros de outras doenças como: Malária, Varíola, Escarlatina, Coqueluche, Mal de Chagas, Sarampo, Bouba, etc.

A título de ilustração, selecionaram-se algumas doenças que serviram de teses apresentadas e defendidas por alunos da Faculdade de Medicina da Bahia. A grafia da época foi mantida, bem como a argumentação do autor.

Não é intenção deste trabalho análise de pertinência quanto à teoria médica da época, e sim, o resgate de uma memória histórica a partir de registros e documentos tal quais estes se nos apresentam em seu contexto particular..

Abaixo segue um resumo da dissertação de Luiz Miguel Berford - então aluno da Faculdade de Medicina da Bahia – defendida em 28 de Novembro de 1887, a fim de obter o grau de doutor em medicina. A enfermidade adotada como tema foi Hypoemia intertropical, a qual acometeu e levou a óbito muitos indivíduos da população baiana.

[...] só em 1855 foi que se foram dissipadas as trevas sobre a pathogenia da opilação, graças ao descobrimento de Griesinger, medico da marinha Allemã,

que se achava no Cairo [...] fazendo a autopsia de um cadáver de uma mulher que tinha fallecido de chlorose do Egypto, encontrou na mucosa intestinal um grande numero de vermes com os caracteres do ankylostomo[...] que se achavam em contacto de uma certa quantidade de sangue fresco derramado no interior do tubo intestinal[...] a natureza verminosa da opilação foi brilhantemente discutida por Otto Wucherer em artigos publicados na Gazeta Medica da Bahia nos annos de 1866,1867,1868,1869[...] A hypoemia intertropical tem recebido diversas denominações[...] Entre nós, o conselheiro Jobim chamou-a anemia intestinal, e mais tarde hypoemia intertropical[...] O povo denomina-a de opilação, cansaço, inchação, obstrução, canguary (Minas e Bahia), frialdades (Bahia), mal da terra (Santa Catarina), molestia dos empalamados (Matogrosso e Goyaz). [...] Entre as causas da molestia[...] uma alimentação insufficiente pela qualidade e quantidade e o trabalho que augmentam as perdas orgânicas mal reparadas; a agglomeração de muitos indivíduos em aposentos estreitos e mal ventilados, aposentos estes expostos á humidade da atmospheria e sob um solo argiloso e frio, os constantes resfriamentos á que estão expostos pela insufficientia de vestes que lhes cobrem os corpos[...] É mais freqüente na raça preta, pelas más condições hygienicas em que vivem os indivíduos d'essa raça[...] no estrangeiro tem sido ella denominada: cachexia africana, malacia dos negros, gastro-enterite chronica dos negros[...] A hypoemia passa muitas vezes desapercibida no seu período de invasão, porque os signaes precursores da moléstia fatam[...] Na sua invasão confirmada, a moléstia caracteriza-se por alteração na coloração do tegmento externo; se o individuo é branco a pelle se apresenta pallida, cor de cera velha, e se é preto apresenta-se fúla [...] a cor opalina das scleroticas, o olhar de melancolia que se observa no hypoemico, a dilatação das pupillas e as olheiras ou orlas azuladas principalmente na palpebra inferior dão ao individuo um fácies característico, cognominado face opada [...] A geophagia é um dos symptommas mais importantes e quase que é pathognomonic da hypoemia. O individuo pode apresentar outras perversões do appetite: uns preferem o carvão, a terra, o barro, o cal das paredes, a madeira podre e até as fezes, outros as cinzas, a lã do carneiro, etc. etc. Estas perversões do appetite são muito rebeldes; os doentes sabem que lhes fazem mal, entretanto não deixam de satisfazer o desejo irresistível de comer terra, carvão, lençóes e camisas, como foi observado pelo Dr. Otto Wucherer no hospital d'esta cidade da Bahia [...] A marcha é lenta e prolongada [...] a molestia pode terminar-se pela cura, quando o doente é submetido desde logo a um tratamento conveniente, no caso contrario ella se última pela morte [...] (QUADROS,1887,p. 1-28.)

A perversão alimentar causada por tal enfermidade – a ingestão de areia e outros minerais pelo infectado – por muito tempo alimentou a idéia do suicídio praticado pelos escravos devido à forte saudade de seu continente de origem, a África.

Ainda que não se possa negar que eventos dessa natureza tenham acontecido – e a História mostra que ocorreram – o desconhecimento do protozoário e sua sintomatologia, contribuiu certamente para elevar a proporção de ocorrência do fenômeno e aumentar o estigma em torno da população africana trazida para este continente.

Outra enfermidade que incidiu de maneira epidêmica na Bahia foi o beribéri, considerada muito comum em climas como o nosso, foi responsável por grande número de baixas na população de Salvador, como nos descreve Camara (1883), em sua tese de doutorado:

[...] O beribéri é molestia dos paizes intertropicaes; manifestou-se em 1863 na Bahia arrebatando vidas preciosas [...] comprazendo-se em espalhar o terror entre a população; desde esta epoca tem percorrido o Brazil revestindoo caracter endo-epidemico [...] Em 18 de Novembro de 1863, o Dr. Silva Lima observou o primeiro caso de béri-beri na Bahia [...] foi n'esta ocasião, (fins de 1863 e principio de 1864) que, appareceu na Bahia o béri-beri, revestindo a forma epidemica [...] Definição. – Abraço a do Dr. Silva Lima, como a mais exacta. ‘ É uma molestia constitucional reinando endemica ou epidemicamente, e caractyerizada por demencia das extremidades, torpor da sensibilidade cutanea, fraqueza geral, e do monumento, com dores á pressão sobre os musculos, acompanhada muitas vezes de edema duro, inchação da face, anemia, oppressão epigastrica, paralysisia ordinariamente gradual, incompleta, de caracter ascendente acompanhada as vezes de constricção em roda do tronco, fraqueza ou roquidão da voz, movimentos choreicos dos membros, dyspepsia, e terminando nos casos fataes por suffocação, asphyxia ou extincção das forças, e nos favoraveis por diurese abundantissima e por uma restauração lenta e gradual das forças nervosas’ [...] (CAMARA, 1883, p. 5-12).

Parte das Memórias Históricas já foi identificada e devidamente referenciada segundo a norma. Uma centena de teses já foi localizada, mas também carecem de suporte tecnológico adequado para seu registro.

Nesse ínterim, executou-se um balanço das obras que estão em condições de manuseio e as que estão em estado mais fragilizado, afim de, através de observações técnicas sugerir um encaminhamento mais adequado como esterilização e restauro. Trezentos e vinte seis itens bibliográficos foram devidamente tombados e registrados para posterior elaboração de fichas de referência de cada uma das obras, as quais possuem uma única encadernação com vários autores e assuntos diferentes.

Importantes e necessárias serão também as etapas, que já se está definindo a agenda, das entrevistas e depoimentos de historiadores baianos, assim como visitas a outros locais onde se encontram registrados documentos, a saber: Mosteiros e Igrejas baianas, Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, Biblioteca Central Pública do Estado da Bahia, Arquivo Público do Estado da Bahia, Arquivo da Santa Casa de Misericórdia da Bahia, etc.

Conclusão

Espera-se obter respostas às seguintes questões: quando e como a Medicina Tropical começou a ser praticada na Bahia? Qual a contribuição dos leigos (índios, africanos e jesuítas) na Medicina Tropical? Cabe ainda, tentar descobrir quais as doenças tropicais existentes no período, investigar as primeiras doenças tropicais de que se têm notícias, as epidemias existentes e o papel da Companhia de Jesus.

A expectativa será a de resgatar a memória científica baiana na área de Medicina Tropical desde os primórdios, considerada um campo científico do saber.

Outrossim, não poderíamos deixar de agradecer o apoio da direção da FMB na presença do Professor Doutor José Tavares Neto, que tem sido um valioso colaborador e incentivador para a pesquisa.

À professora Maria José Rabello de Freitas, cujo trabalho primoroso com sua equipe, organizou o acervo arquivístico do Memorial da FMB no início da década de 1980, propiciando a localização de importantes e valiosos documentos por inúmeros pesquisadores de várias áreas do conhecimento.

De igual maneira, agradecemos a todos os funcionários dessa Instituição que ao longo da nossa História, foi testemunha e participante de inúmeras ações que interferiram na vida de todos. E, não foram poucos os fatos ou eventos que de muitas formas transformaram o cenário político, econômico, social e cultural da sociedade baiana - e brasileira - desde a instalação da primeira escola de medicina do Brasil, na cidade de São Salvador, no Estado da Bahia.

Referências bibliográficas

- CAMARA, João Gonçalves Ferreira da. **Do beribéri, sua etiologia, pathogenia e tratamento**. Salvador: Lithotypographia de João Gonçalves Tourinho. 1883. (These apresentada a Faculdade de Medicina da Bahia para obter o grão de Dr. Em Medicina, em Dezembro de 1883).
- CONI, Antonio Caldas. **A escola tropicalista baiana**: Paterson, Wucherer, Silva Lima. Bahia: Tipografia Beneditina Ltda. 1952.
- CAMARGO, Maria Thereza Lemos de Arruda. **As plantas na medicina popular e nos rituais afro-brasileiros**. 1998. Disponível em: <<http://www.aguaforte.com/herbarium/plantas.html>>. Acesso em: 10 nov. 2008.
- LUZ, Madel T. Cultura contemporânea e medicinas alternativas: novos paradigmas em saúde no fim do século XX. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15 (Suplemento), p.145 -176. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v15s0a08.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2008.
- QUADROS, Luiz Miguel Berford. **Hypoemia intertropical**. Salvador: Imprensa Econômica. 1887. (These apresentada a Faculdade de Medicina da Bahia afim de obter o grão de Dr. Em Medicina, em 28 de Novembro de 1887.).
- SANTOS FILHO, Lycurgo. **Pequena história da medicina brasileira**. São Paulo: Buriti, 1966.